

**VI CONGRESSO INTERNACIONAL DE CONVERGÊNCIA,  
JUNHO DE 2015**

**Grupo de Trabalho: Lecturas del Seminario XXIV**

**Enrique Tenenbaum** (TRILCE / Buenos Aires)

**L'INCONSCIENTE, FREUDIANO**

Se hoje tentou repetir a pesquisa de Glover, que pediu os psicanalistas sobre o que eles veem como fundamental em suas práticas, possivelmente receberia um acordo unânime sobre o lugar central dado a l'inconsciente. Mas se nós introduzimos algumas precisões tais como se l'inconsciente excede o estatuto de uma hipótese, se nós ainda argumentamos que a análise é tornar consciente l'inconsciente, ou se um vai mais longe do que l' inconsciente, provavelmente encontraríamos uma dispersão progressiva nas respostas.

Se l'inconsciente é um invariante da cura, o fato de propor suas variações, este termo que vem da música, apontando para não nos sancionar automaticamente como um leitmotiv ou Santo e senha toda vez que é pronunciada, mas a pergunta quando é um passo em frente no trabalho da teoria, quando uma precisão que vem da prática, de quando um retorno a Freud, mas também quando é um desvio.

Lacan refere-se a l'inconsciente freudiano como “apelativo”, não como atributo. Um inconsciente sobre qual Freud levou anos afirmar se ele deveria dar um status tópico, dinâmico, econômico ou sistemático... ou todos eles. No texto de 1915, “Das Unbewusste”, designa o legítimo e necessário para formular a hipótese de l'inconsciente. Lá, ele dá um novo passo, um passo escritural, para acabar com o debate terminológico sobre quando considerar que um processo é inconsciente em um ou outro dos polissêmica sentidos do termo e por isso propuseram a sigla ICC que, embora não seja novo selo, é a precisão que adiciona. Anos mais tarde, no “Eu e Isto”, vala uma rede distinção entre consciência (Bewusst-sein) e inconsciente

(Unbewusste), distinção que desencoraja qualquer noção de continuidade entre os dois termos e, além disso, é uma distinção que Freud eleva ao posto de um schibboleth para a psicanálise.

Lacan vai realizar como fundamental esta descontinuidade entre consciência e inconsciente, salientando seu caráter disruptivo como falha, tropeçando, hiancia em cadeia significativa, ocasião em que sublinha o caráter de não realizado, desencorajando qualquer ideia de um topos para o inconsciente, toda ideia de localidade, bem como uma psicologia das profundidades. L'íinconsciente é o discurso do Outro, afirma-se, também, lendo o Freud que escreve em que o texto de '15: "... devo dizer que todos os atos e externalizations noto em mim e eu não sei de ligação com o resto da minha vida psíquica deve ser julgada como se pertencessem a outra pessoa e ter clarificado atribuindo a ele uma vida psíquica".

No entanto, na primeira classe do seminário 24, Lacan diz que pretende introduzir algo que vai mais longe da l' inconsciente. Não levar a questão de que "algo" para o momento, mas a pergunta sobre o que implica que ir “mais longe”.

A classe começa com sua proposta de tradução de Unbewusste com l' une-bévue, que não causa qualquer observação, só imediatamente deslizando em alemão e em francês inconsciente equivoca com inconsciência, em que é difícil segui-lo, tendo em conta precisamente a distinção feita por Freud entre Bewusst-sein e Unbewusste. L' une-bevue, esclarecida, seria uma maneira de superar a operação do equívoco que imita seu de Freud criptografando ICC.

Mas continuar o curso da fala de Lacan: sua tradução -que supera o equívoco-lhe dá uma vantagem, permite colocar em evidência certas coisas, como perguntar é se é necessário sempre pedir associações sobre os eventos da véspera, os restos do dia, tem que-diz que o sonho é uma bévue como os outros, como a piada ou o ato falhado. Em seguida, acrescenta o que para Freud era uma regra deve ser colocada em espera, e aumentar a aposta, generalizá-lo por qualquer erro ou pedir também os restos do dia do ato falhado.

Siga esta discussão, o homogeneíze o sonho com todas as formações de l'íinconsciente, seria o chão com esse privilégio, que Freud realçar o caminho da interpretação dos sonhos, a via regia para l'íinconsciente.

Se o sonho é interpretado sem recorrer às associações de véspera, mas sob dá chamado o “tecido em si” de l'íinconsciente, não só está igualando todas as formações, como temos vindo a dizer, eles poderiam dispensar o lugar que para Freud o sonho assume a transferência

no que se refere o progresso da análise que outros schibboleth da psicanálise, pois situa-se na Conferência XXIX.

Tome a forma exclusiva de tecido l'inconsciente também coloca em espera a localização de um sujeito em relação a esse tecido.

### **O tecido mesmo de l'inconsciente**

Que o sonho não requer restos diurnos para sua interpretação contrasta com uma tradição na prática da psicanálise, tradição contra a qual parece que Lacan é disputada. Um sonho apenas refere o próprio tecido do l'inconsciente, somente tomado como um produto do trabalhador ideal - que não pensa nem juízes, nem calcula, é limitado para transformar - parece questionar mais do que o clínico psico-analítica, parece falar sobre a ideia de transferência e dos sonhos de transferência.

A meu entender, Lacan não proceder deste modo, não nega os restos do dia, como por exemplo quando atribuir ao dito em sua conferência em Bruxelas, a razão para o erro de escrever o discurso do analista no curso de seu seminário no dia seguinte. Mas ainda permanece a questão de quando um sonho não é um sonho de transferência, quando não é possível supor um sujeito do sonho.

Em "Os limites do interpretabilidade", um texto de 1925, Freud assinalou que a tarefa do sonho tem apenas por fim preservar dormindo. O sonho é uma atividade que visa obter prazer e não resolve os problemas da vida desperta e não tenta se comunicar com os outros. É por isso que quando triunfou em sua missão, esqueça-se. Freud acrescentou que quando o sonho toma conta de uma tarefa de vida, os restos do dia, faz assim, em que forma de inconsciente processa, portanto, o dormente, o Eu dele, específica, é totalmente indiferente conteúdo do sonho.

Lacan lê o escrito freudiano, colocando a questão do limite, não a interpretabilidade, mas a mesma interpretação, a interpretação como limitar, limitar-se a infinidade de deslizamento de significados, limite que deve ser o significado do sonho, o sentido sexual, o um-sentido.

Só quando o sonho falha sua missão então lembrou-se do sonho e, portanto, torna-se sonho de transferência. Falha quanto encontrar o um-sentido que limitam a que não cessa de não ser escrito e, portanto, deixar de entregar para o sonhador à fruição do sonho. O sonho de transferência é, assim, um sonho que não conseguiu ter sucesso em sua missão e, portanto, oferece um sujeito na trama de sua elaboração.

Esse sujeito que o “parletre” encarna, associará sobre os acontecimentos do dia anterior, e o sonho anuncia uma forma de trabalhar com aqueles restos que permanece não corresponder ao modo que são elaboradas na vida acordada. Nós podemos servir-neste trabalho para orienta-nos no que diz respeito ao andamento da análise?

Se o sonho realizado figura de apreciação ao chegar para a um-sentido, o fracasso do sonho pressupõe uma falha na cifram, portanto, não alcançar o um-sentido indicando o limite, que Lacan escreve no nó como a lúnula, onde se lê que sentido exclui o real. Falha em sua tentativa de escrever esse limite, o sono homologa-se topologicamente ao sintoma, considerando que força um sentido no Real. Mas esta forçando do senso do sonho é necessariamente feito à custa do fantasma neurótico?

Freud, na seção sobre o esquecimento dos sonhos em sua “Traumdeutung”, diz que o “... parte do sonho início ao esquecimento é em todos os casos o mais importante; “leva a propósito mais curto para a solução do sonho e por isso estava mais sujeito a resistência”. É para lembrar o sonho esquecido de parte que isso produz uma correção, o que Freud nomeou como reparação, por exemplo, quando sobre o assunto de um dos seus sonhos, e referindo-se a uma estrela do mar diz “he is alive”, colocando “Geschlechtlich”, uma palavra de gênero, onde não correspondiam: “he” em vez de “it”. Aqui é o cifram sexual, o um- senso.

A tese- estritamente freudiana - tese que eu tento segurar em consideração neste tópico, é que o sonho é capaz de reparar – em termos nodais - um erro de nó, repará-lo de forma diferente na vida desperta, reparo que de uma maneira diferente de como sintoma repará-lo, assim, que indica um caminho pelo qual o sujeito poderia amarrar de outra forma, sendo que “de outra forma” é uma das maneiras que Lacan tem se referem a operação mesma da análise.

